

**Pesquisa e ensino: considerações e reflexões****Márcio Luiz Corrêa Vilaça<sup>1</sup>**  
**UNIGRANRIO****Resumo:**

Este artigo discute a interação entre pesquisa e ensino. Ele se baseia em questões frequentes de estudantes sobre o estudo e a prática de pesquisa. O foco está nas áreas de Educação e Linguística Aplicada. A bibliografia referenciada vem de diferentes campos de estudos e pesquisa, especialmente Ciências Sociais, Educação e Letras. O que é pesquisa? Por que devemos pesquisar? O que é um problema de pesquisa? Estas são algumas das questões que este artigo considera. Este trabalho não se propõe a oferecer respostas para tais questionamentos, mas estimular a reflexão sobre a importância da pesquisa para o desenvolvimento da prática educacional.

**Palavras chave:** pesquisa, ensino, metodologia, Educação, Letras

**Research and teaching: considerations and reflections****Abstract:**

This article discusses the interaction between research and teaching. It is based on some students' questions concerning the study and practice of research. The focus is on Education and Applied Linguistics, including language teaching and teacher education. The quoted bibliography comes from different fields of study and research, mainly Social Sciences, Education and Languages. What is research? Why should we research? What is a research question? These are some of the questions this article brings into consideration. This article does not aim at providing readers with answers, but stimulating reflection on the importance of research for the development of educational practice.

**Keywords:** research, teaching, methodology, Education, Languages

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos Linguísticos (UFF) e Professor Adjunto da UNIGRANRIO.

No fim das contas, o conhecimento só serve e só adquire sentido para a humanidade à medida que contribui para melhorar sua capacidade de fluir a vida e para diminuir o sofrimento humano, fugindo de necessidades desagradáveis ao que o mundo obriga. Podemos, então, ver o conhecimento como fator de liberdade, como elemento para a felicidade. ...  
(MAGALHÃES, 2005, p. 17)

## **1. Introdução**

Este artigo apresenta considerações sobre a prática de pesquisa e a sua relação com o ensino. É possível afirmar que este trabalho busca inspiração na interdisciplinaridade por dois aspectos. Primeiramente, o referencial teórico que dá suporte às discussões tem origem em diferentes campos do saber, especialmente nas Ciências Humanas e Sociais. Em segundo lugar, ainda em estreita relação com o aspecto anterior, o foco das discussões está em duas áreas de naturezas interdisciplinares: Educação e Letras. Isto, no entanto, não significa que as reflexões aqui não possam contribuir para outras áreas de estudo, uma vez que a atividade de pesquisa não se restringe a esta ou aquela área. A opção pelo foco se deve ao objetivo central deste trabalho: refletir sobre a interação entre pesquisa e ensino.

A motivação para este trabalho surgiu de algumas perguntas frequentes de estudantes de graduação e pós-graduação: *O que é pesquisa?*; *Por que pesquisar?*; *O que é pesquisa aplicada?*; *Quais as relações entre pesquisa e ensino?*; *Professor pode ser pesquisador?*; *Como aprender a fazer pesquisa?*; entre outras.

É conveniente antecipar que este artigo não pretende solucionar estes questionamentos, mas oferecer oportunidades para reflexões e novas perguntas. Em outras palavras, o objetivo aqui não é responder ou concluir, mas refletir e instigar o interesse pela prática e pelo estudo de pesquisa. Além disso, são feitas algumas considerações sobre a formação de professores para o ato de pesquisar.

Desta forma, o objetivo básico deste trabalho é propor uma discussão didática sobre pesquisa, que possa contribuir para que estudantes e professores se interessem pelo estudo do assunto e entendam a pesquisa como uma atividade não só compatível com a docência, mas de central importância para o progresso da Educação.

## 2. Em busca de definições para *pesquisa*

Lüdke e André (2001) alertam que o amplo uso, muitas vezes superficial e indefinido, do termo *pesquisa* em diversas áreas (política, televisão, rádio etc) pode comprometer o seu verdadeiro sentido. Em contextos escolares, podemos encontrar uma grande diversidade de práticas pedagógicas diferentes que são designadas como *pesquisa*. Há, por exemplo, tarefas de “cópia e colagem” de textos retirados de *sites* que são consideradas como *pesquisa*. Esta prática parece, na verdade, uma atualização tecnológica para a antiga prática de cortar e colar partes de revistas, jornais e livros em cartolinas. A prática pode ser tão automática, que o estudante sequer lê atentamente os textos. Outras vezes a palavra *pesquisa* parece ser empregada como sinônimo para *resumir* ou *fichar* um livro ou artigo. Já encontrei atividades que solicitavam que os estudantes *pesquisassem* uma data em um texto, muitas vezes abaixo do enunciado. Neste caso, *pesquisar* parece ter sido empregado como sinônimo para *identificar*.

Vale questionar: quais os sentidos do termo *pesquisa*? Algumas definições de *pesquisa* encontradas na literatura são apresentadas neste trabalho.

Appolinário (2004, p.150) define *pesquisa* como:

Processo através do qual a *ciência* busca dar respostas aos problemas que se lhe apresentam. Investigação sistemática de determinado assunto que visa obter novas informações e/ou reorganizar as informações já existentes sobre um *problema* específico e bem definido.<sup>2</sup>

Podemos encontrar na definição proposta pelo autor três possíveis características de uma atividade de *pesquisa*:

- a) busca de respostas para problemas;
- b) investigação sistemática;

---

<sup>2</sup> Termos em grifo do autor

c) busca e reorganização de informações.

Ao considerar a pesquisa como “investigação sistemática”, o autor sinaliza a necessidade, em menor ou maior nível, de planejamento e organização do processo de pesquisa. Por fim, Appolinário (2004) afirma que a pesquisa possibilita obtenção e tratamento de informações. Neste sentido, faz-se importante destacar que o termo *informações* também tem sentido amplo, dentre os quais: dados, conhecimentos, teorias, práticas. A definição de *dado* apresentada em Appolinário (2004, p. 57) evidencia possibilidades de incompreensões na opção de um termo. Para o autor, *dado* se refere à “unidade de informação fundamental coletada em um estudo, normalmente (mas não necessariamente) expressa numericamente”. Em Letras, apenas em poucos casos, os dados de uma pesquisa podem ou costumam ser expressos matematicamente. Logo, a definição do autor pode gerar questionamentos.

Ainda no caso de Letras, é útil mencionar que a denominação, em alguns casos, é influenciada pela ciência da linguagem em foco. Em Linguística Aplicada e Sociolinguística, o termo mais comum é *dados*. Em estudos diacrônicos de Linguística Histórica e Filologia é possível empregar *informações* e *documentos*. Linguistas textuais tendem a preferir *corpus*<sup>3</sup>.

Em seu dicionário de metodologia científica, Appolinário (2004) apresenta vinte e três definições sobre tipos e nomenclaturas de pesquisa. Pesquisa-ação, pesquisa aplicada, pesquisa etnográfica, pesquisa experimental, pesquisa qualitativa e pesquisa são alguns dos verbetes. Isto evidencia a complexidade e a riqueza do assunto, bem como a polissemia e a abrangência do conceito.

Gil (1999, p. 42) define pesquisa como “o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico”. A definição retrata a estreita relação entre ciência e pesquisa. Assim como Appolinário (2004), Gil (1999) apresenta a pesquisa com um processo sistemático.

A relação entre ciência e pesquisa, também fica evidente nas palavras de Michel (2005, p.31):

---

<sup>3</sup> TRASK (2004) define corpus como “conjunto de textos escritos ou falados numa língua disponível para análise.” *Corpora* é o a forma plural de *corpus*.

A pesquisa é a atividade básica da ciência; a descoberta científica da realidade. É anterior à atividade de transmissão de conhecimento: é a própria geração de conhecimento; é a atividade científica pela qual descobrimos a realidade. Partindo-se do princípio de que a realidade não se apresenta com clareza na superfície, não é o que aparenta à primeira vista, conclui-se que as formas humanas de realidade nunca esgotam a verdade, porque esta é mais exuberante que aquela.

Cabe questionar, no entanto, se toda pesquisa deve ser considerada científica. Rudio (2009, p.9) argumenta que, para receber a qualificação de científica, a pesquisa “deve ser feita de modo sistematizado, utilizando para isto método próprio e técnicas específicas e procurando um conhecimento que se refira à realidade empírica”.

A definição de Michel (2005) informa que a pesquisa permite descobrir a realidade. No entanto, uma pergunta se faz necessária: como devemos compreender *realidade* em pesquisa? De acordo com Rudio (2009, p.9), a compreensão de realidade em pesquisa se refere a “tudo que existe em oposição ao que é mera possibilidade, ilusão, imaginação e mera idealização”. Com base nesta afirmação, é possível considerar que a pesquisa possibilita a desconstrução de ilusões, crenças e idealizações.

As definições aqui apresentadas não permitem concluir o que seja pesquisar, mas oferecem material para reflexão. Por este motivo, admitindo a dificuldade de definir pesquisa, mas com o objetivo de possibilitar compreensões de procedimentos que possam ser denominados como pesquisa, considero produtivo pensar sobre objetivos que motivam a realização de pesquisas. Acredito que a discussão sobre objetivos de pesquisa pode contribuir para a compreensão sobre as práticas de pesquisa.

### **3. Pesquisas teóricas e pesquisas aplicadas**

Uma distinção básica adotada por autores e pesquisadores para a classificação de diferentes métodos de pesquisa se refere aos fins teóricos ou aplicados de uma pesquisa (BARROS e LEHFELD, 2000; APPOLINÁRIO, 2004, CHIZZOTI, 2005). Neste sentido, as pesquisas costumam ser classificadas como "teóricas" e "aplicadas". Os autores, entretanto, afirmam que tal distinção não é clara ou excludente.

Em termos gerais, são consideradas pesquisas teóricas aquelas que têm por finalidade o conhecer ou aprofundar conhecimentos e discussões (BARROS e

LEHFELD, 2000, p. 78). Em síntese, é possível afirmar que a pesquisa teórica não requer coleta de dados e pesquisa de campo. Ela busca, em geral, compreender ou proporcionar um espaço para discussão de um tema ou uma questão intrigante da realidade (TACHIZAWA e MENDES, 2006). No campo das Letras, é a forma predominante de pesquisa em Literaturas. Isto não significa, entretanto, que não haja pesquisa aplicada em Literatura e que outras áreas de Letras, como Língua Portuguesa ou Linguística só sejam pesquisadas de forma aplicada. Não devemos entender determinismos nestes exemplos. Em Educação, a pesquisa teórica visa, entre outras possibilidades, ao aprofundamento de estudo de conceitos, biografias de educadores, discussões de visões de ensino-aprendizagem.

Em Linguística Aplicada, que não deve ser entendida aqui como aplicação de teoria linguística<sup>4</sup>, como o próprio nome sugere, e devido aos focos mais comuns das investigações (ensino de línguas, uso contextualizado da linguagem, tradução, formação de professores, por exemplo), a forma mais adotada de pesquisa é a aplicada. Fica evidente, portanto, a diversidade de possibilidades de pesquisas, empregando diferentes metodologias, procedimentos e terminologias variadas, em Letras e Educação.

A pesquisa teórica também é mencionada na literatura com outras denominações: *pesquisa pura* (MEDEIROS, 2000, p. 33; APPOLINÁRIO, 2004, p.151), *básica e fundamental* (APPOLINÁRIO, 2004:151).

A forma básica de pesquisa teórica é a bibliográfica. A pesquisa bibliográfica é, sem dúvida, a forma de pesquisa mais realizada em escolas e universidades. Os objetivos mais comuns são compreender e discutir a revisão da literatura<sup>5</sup> sobre o tema de pesquisa (TACHIZAWA e MENDES, 2006). Isto ocorre basicamente por consulta e estudo de livros, artigos, trabalhos monográficos, jornais e enciclopédias. O estudante tem contato com este tipo de pesquisa desde os primeiros anos escolares (DEMO, 2000).

De acordo com Barros e Lehfeld (2000, p. 78), a pesquisa aplicada tem como motivação a necessidade de produzir conhecimento para aplicação de seus resultados, com o objetivo de “contribuir para fins práticos, visando à solução mais ou menos

---

<sup>4</sup> Discussões sobre relações entre Linguística Aplicada e Linguística podem ser encontradas em Moita Lopes (1996 e 2009), Kleiman (1998); Menezes, Silva e Gomes (2009)

<sup>5</sup> *Fundamentação teórica, base bibliográfica, arcabouço teórico, e pressupostos teóricos* são outras denominações frequentes.

imediate do problema encontrado na realidade”. Appolinário (2004, p. 152) salienta que pesquisas aplicadas têm o objetivo de “resolver problemas ou necessidades concretas e imediatas.”

As pesquisas aplicadas dependem de dados que podem ser coletados de formas diferenciadas, tais como pesquisas em laboratórios, pesquisa de campo, entrevistas, gravações em áudio e / ou vídeo, diários, questionários, formulários, análise de documentos etc (NUNAN, 1997; MICHEL, 2005; OLIVEIRA, 2007). Ao contrário da pesquisa teórica, investigações de natureza aplicada apresentam complexidades metodológicas e éticas muito mais complexas. Devido a estas questões, as práticas de pesquisas aplicadas estão mais frequentemente associadas ao ensino superior e à pós-graduação.

Na maioria dos casos, as pesquisas aplicadas exigem e partem de estudos teóricos. Na Academia poucos são os casos de pesquisas de campo que não estejam fundamentadas ou discutidas com base na literatura existente. A teoria não deve, portanto, ser considerada como aspecto restrito às pesquisas bibliográficas. Na sua estruturação mais comum, uma pesquisa aplicada apresenta: a) fundamentação teórica; b) metodologia de pesquisa; c) Análise e discussão dos dados. Neste caso, a fundamentação teórica serve, entre outras possibilidades, de referencial para a análise dos dados, dados estes que foram coletados por meio de uma metodologia compatível com os objetivos de pesquisa e as características do objeto de estudo e do contexto de investigação (NUNAN, 1997).

#### **4. Objetivos de pesquisas aplicadas**

Se, por um lado, o aluno compreende com certa facilidade os objetivos e os procedimentos de pesquisas teóricas, a compreensão de pesquisas aplicadas muitas vezes não é tão simples, gerando questionamentos, em especial sobre possíveis objetivos deste tipo de investigação.

A prática de pesquisas de natureza aplicada, nos mais diversos campos do saber, pode ser motivada com objetivos variados que incluem:

- a) Buscar respostas (APPOLINÁRIO, 2004) e resoluções (RICHARDSON, 2007) para os problemas
- b) Formular teorias (RICHARDSON, 2007)
- c) Testar teorias (GIL, 2002; RICHARDSON, 2007)
- d) Produzir conhecimentos (MEKSENAS, 2002)
- e) Caracterizar um contexto ou uma população (GIL, 2002; RICHARDSON, 2007)
- f) Mensurar fenômenos (NUNAN, 1997; MAGALHÃES, 2005)
- g) Identificar probabilidades (MARKONI & LAKATOS, 2000; SELIGER & SHOHAMY, 2001)
- h) Observar e descrever comportamentos (SELIGER & SHOHAMY, 2001)
- i) Explorar um aspecto pouco conhecido (GIL, 2002; RICHARDSON, 2007)
- j) Determinar condições de fenômenos (GIL, 2002; RICHARDSON, 2007)
- k) Estabelecer classificações (MARKONI & LAKATOS, 2000)

Os objetivos das pesquisas são influenciados por diferentes fatores que incluem: visões de ciência e conhecimento, natureza do objeto pesquisado, compreensões de hipóteses ou variáveis, necessidades reais, características do contexto de estudo.

Esta discussão, entretanto, não deve ser compreendida como um desestímulo à prática de pesquisa, mas, ao contrário, como reconhecimento das diversas possibilidades de objetivos e princípios norteadores para a realização da mesma. O termo *pesquisa*, portanto, revela-se novamente polissêmico e abrangente.

## **5. O conceito de problema de pesquisa**

Ao discutir o papel da pesquisa em Ciências Sociais, Chizzoti (2005, p.11) afirma que:

A pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Para esta atividade, o investigador recorre à observação e à reflexão que faz sobre os problemas que enfrenta, e à experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas, a fim de munir-se dos instrumentos mais adequados à sua ação e intervir no seu mundo para construí-lo adequado à sua vida.

Alguns pontos da citação anterior merecem destaque. O primeiro está relacionado à importância da observação e da reflexão na prática de pesquisa. Um segundo ponto importante se refere à estreita relação entre os conceitos de pesquisa e *problema*.

Diversos autores afirmam que as pesquisas têm como motivação e objetivo a solução e compreensão de problemas (MARCONI & LAKATOS, 2000; MEDEIROS, 2000; PÁDUA, 2000; GIL, 2002; CHAVES, 2003; RUDIO, 2009). Entretanto, faz-se importante destacar que o conceito de problema é discutido de formas variadas na literatura, não estando apenas relacionado, quando se refere à pesquisa, a comportamentos ou situações negativas ou indesejadas<sup>6</sup>.

O problema de pesquisa pode ser, entre outras possibilidades, um questionamento (APPOLINÁRIO, 2004) sobre um determinado tema. Assim, o termo problema pode se referir à sistematização de procedimentos de estudo e investigação. Em literatura sobre metodologia de pesquisa em língua inglesa, é comum que o termo para problema seja *research question*<sup>7</sup> (APPOLINÁRIO, 2004, p. 161).

A busca por entender algo que apresenta resultados positivos ou sucesso pode ser um problema de pesquisa. O pesquisador não depende, portanto, de um problema real para que se sinta motivado para a prática de pesquisa. Embora as motivações para uma pesquisa possam ser extremamente variadas, em Linguística Aplicada e Educação as pesquisas geralmente surgem de questionamentos, inquietações, dúvidas e problemas que fazem parte, ou já fizeram, da experiência docente do pesquisador. Isto significa que o questionamento pode apresentar valores e motivações intrínsecas, pois visa a proporcionar respostas ou uma melhor compreensão sobre algo próximo à sua realidade.

---

<sup>6</sup> Sentidos normalmente apresentados em dicionários para a palavra problema

<sup>7</sup> Tradução literal em inglês: pergunta de pesquisa

Em síntese: a pesquisa possui um caráter especial, possivelmente singular, para o pesquisador.

## **6. Pesquisa e ensino: construção e renovação de conhecimentos**

A atividade de pesquisa possibilita a construção de um conhecimento novo (RAMPAZZO, 2002; MEKSENAS, 2002). Ao questionar a finalidade do conhecimento, Magalhães (2005, p.16) afirma que “o homem usa o conhecimento para reagir ao meio e, se possível, transformar esse meio”. As palavras de Magalhães parecem indicar que o conhecimento conduz à ação e à reação - que significa agir em resposta a algo, para a transformação deste foco de pesquisa. Fica implícito, portanto, o desejo por mudanças, aperfeiçoamentos e avanços (DEMO, 2000).

Tomando por base a concepção que afirma que o objetivo do ensino é construir conhecimentos (MOITA LOPES, 1996 e 2003; BRUNER, 2001; ARANHA, 2006; FILATRO, 2008), podemos afirmar que as práticas de ensino e pesquisa devem estar intimamente inter-relacionadas (DEMO, 2000; MEKSENAS, 2002), de forma a conduzir a um aperfeiçoamento contínuo da prática pedagógica e, conseqüentemente, a maiores e melhores possibilidades de transferência e construção de conhecimentos.

Apesar de a pesquisa ser inquestionavelmente um importante meio de produção de conhecimento, a sua prática geralmente está ainda longe da realidade educacional brasileira (DEMO, 2000; VILACA, 2003). Este fato é, em parte, decorrente do desenvolvimento de projetos de pesquisa ser visto, no Brasil, como uma atividade elitista, podendo, portanto, ser desempenhada apenas por poucas pessoas com formações, capacidades e oportunidades consideradas por muitos como especiais, conforme apontam Demo (2000) e Lüdke e André (2001).

Enfático na defesa da estreita relação entre pesquisa e ensino no campo da Educação, Demo (2000, p. 14) afirma que “quem ensina carece pesquisar; quem pesquisa carece ensinar. Professor que apenas ensina jamais o foi. Pesquisador que só pesquisa é elitista explorador, privilegiado e acomodado”.

Novikoff (2010, p.213), ao discutir o ensino da pesquisa e a relação entre pesquisa e ensino, argumenta que pesquisa e ensino são inseparáveis na essência. A

autora reconhece, no entanto, que as duas atividades são, na prática, por motivos pedagógicos, compreendidas como atividades distintas. A pesquisadora salienta que:

Ambos mediam o conhecimento e promovem a aprendizagem. O ensino se faz entre outros modos, no ato de pesquisar. Pesquisar se faz no ato de aprender. Ambos têm seus próprios caminhos, mas se entrecruzam na busca de conhecimento. (NOVIKOFF, 2010, p.213)

Se por um lado há a necessidade da prática de pesquisa em sala de aula, por outro se faz necessário refletir formas de fazer com que resultados, considerações e conclusões de pesquisa cheguem às salas de aula, especialmente nas escolas. Teixeira da Silva (2007) aponta que os resultados das pesquisas encontram dificuldades para chegar às salas de aula. A autora refere-se mais objetivamente às pesquisas realizadas em faculdades e universidades, em programas de pós-graduação. Fica explícito o fato das universidades terem maior atuação e comprometimento com a realização de pesquisas, que não estão restritas a Programas de Pós-Graduação, mas à Iniciação Científica, projetos de docentes, entre outras possibilidades. Este fato pode contribuir para a solenização e a idealização da prática de pesquisa. Em outras palavras, é preciso cuidado para que a compreensão de pesquisa não fique restrita predominantemente à universidade, parecendo isentar professores de outros níveis educacionais da necessidade de pesquisa.

A popular imagem do pesquisador como uma pessoa vestida de jaleco branco, geralmente manuseando instrumentos e ferramentas especiais, ainda habita a mente de muitas pessoas, conforme apontam Nunan (1997) e Demo (2000). Em parte devido à imagem descrita, a figura do professor aparece frequentemente dissociada da figura do pesquisador. Conforme Demo (2000) destaca, há ainda muitos professores e pesquisadores que acreditam na incompatibilidade entre as duas funções.

Richardson (2007, p.15) destaca que principiantes devem “ter em mente” que “fazer pesquisa não é privilégio de alguns poucos gênios”. A colocação do autor parece advogar que pesquisadores iniciantes devem ter o cuidado de não idealizar a prática de pesquisa, o que pode acabar por inviabilizá-la ou fazê-la parecer algo destinado a poucos.

## **7. Pesquisas em Letras e Educação: o estudo de metodologias**

Embora a pesquisa não deva ser idealizada, é necessário reconhecer a necessidade de formação para a sua realização, especialmente quando se trata de pesquisa aplicada. Este fato, na prática acadêmica, se evidencia predominantemente por dois fatores: o papel do orientador e as disciplinas de metodologia de pesquisa, muitas vezes chamadas de metodologia científica<sup>8</sup>, em cursos e programas de graduação e pós-graduação.

A função da metodologia é possibilitar que o pesquisador possa ter acesso aos dados que lhe são necessários para responder à sua pergunta de pesquisa (QUIVY & CAMPENHOUDT, 1998; FERREIRA e MOURA, 2005). As decisões metodológicas são, portanto, consequências dos objetivos da investigação e das características e especificidades dos diferentes fatores envolvidos.

O estudo de metodologias possibilitará ao pesquisador identificar a abordagem de pesquisa (qualitativa, quantitativa ou híbrida – Cf. NUNAN, 1997; LÜDKE & ANDRÈ, 2001; OLIVEIRA, 2007) a ser adotada, escolher os instrumentos de coleta de dados (entrevistas, diários, formulários etc – Cf. QUIVY & CAMPENHOUDT, 1998; RICHARDS & NUNAN, 2000; DEMO, 2000; OLIVEIRA, 2007) e planejar procedimentos de tratamento e análise dos dados<sup>9</sup>.

## **8. Considerações finais**

Acredito que este artigo tenha cumprido o seu objetivo: apresentar considerações e reflexões sobre a prática de pesquisa. As perguntas que motivaram este trabalho – apresentadas na introdução – devem ser constantemente refletidas.

Defendo uma compreensão plural da atividade de pesquisa e sua importância na formação de professores e na práxis pedagógica. Argumento, no entanto, que a prática de pesquisa deve ser norteadada pelo conhecimento de metodologia científica,

---

<sup>8</sup> Metodologia do trabalho científico, Metodologia do trabalho acadêmico são outras denominações comuns

<sup>9</sup> O escopo deste trabalho não permite discutir estes conceitos sob o risco de superficialidade, por este motivo algumas publicações foram indicadas.

conhecimento este possibilitado, entre outras formas, pelo estudo de disciplinas relativas a metodologias. Faz-se necessário empreender esforços para que a compreensão de disciplinas de metodologias acadêmicas e científicas seja produtiva, reflexiva e crítica,

Professores de metodologia devem promover a compreensão e o ensino de práticas de pesquisas de natureza aplicada.

Nos campos de Educação e Letras, é importante que os professores em formação e os já em serviço sejam preparados para o planejamento e para a realização de pesquisas aplicadas relacionadas à realidade em sala de aula, análise, avaliação e elaboração de materiais didáticos, pesquisas sobre currículo, interação, entre muitos outros temas.

Em síntese, é necessário estimular pesquisas sobre ensino, sem esquecer que este estímulo deve ser acompanhado de preparação para o ato de pesquisar. Questões como abordagens de pesquisa, modelos de pesquisa, instrumentos e procedimentos de coleta e análise de dados devem ser estudadas e discutidas em diferentes contextos e níveis educacionais.

### **Referências Bibliográficas:**

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico.** São Paulo: Atlas, 2004.

ARANHA, M. L. de A. **História da Educação e da pedagogia: geral e Brasil.** 3 ed. São Paulo: Editora Moderna, 2006.

BARROS, C. S. G. **Pontos de psicologia escolar.** São Paulo: Ática, 2004.

BARROS, A. J. S. e LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de Metodologia: Um Guia para a Iniciação Científica.** 2 Ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

BRUNER, J. **A Cultura da Educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

CERVO, A. L. & BERVIAN, P. A. **Metodologia científica.** 4 ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

CHAVES, M. A. **Projeto de pesquisa: guia prático de monografia.** 2 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2003.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 7 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 2000.

DEMO, P. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. São Paulo: Papyrus, 2001.

FERREIRA, M. C.; MOURA, M. L. S. **Projetos de pesquisa: elaboração, redação e apresentação**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

FILATRO, A. **Design instrucional na prática**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KEIMAN, A. B. O estatuto interdisciplinar da lingüística aplicada: o traçado de um percurso, um rumo para o debate. IN: SIGNORINI, I. & CAVALCANTI, M. C. **Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

LÜDKE, M ; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 6ª Reimpressão. São Paulo: EPU, 2001.

MAGALHÃES, G. **Introdução à metodologia da pesquisa: caminhos da ciência e tecnologia**. São Paulo: Ática, 2005.

MARCONI, M. A. & LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2000.

MEDEIROS, J. B. **Redação científica**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MEKSENAS, P. **Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas**. São Paulo: Loyola, 2002.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I. F. Sessenta Anos de Linguística Aplicada. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. **Lingüística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009

MICHEL, M. H. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 2005.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de lingüística aplicada**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

MOITA LOPES, L. P. Socioconstrucionismo: discurso e identidade social. IN: MOITA LOPES, L. P. (org) **Discursos de Identidade: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família.** São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de linguística à Linguística Aplicada Interdisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos.** São Paulo: contexto, 2009.

NOVIKOFF, C. Dimensões Novikoff: um constructo para o ensino-aprendizado da pesquisa. In ROCHA, J.G. e NOVIKOFF, C. (orgs.). **Desafios da práxis educacional à promoção humana na contemporaneidade.** - Rio de Janeiro: Espalhafato Comunicação, p. 211-242, 2010.

NUNAN, D. **Research methods in language learning.** Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

PÁDUA, E. M. M de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática.** 6 ed. Campinas: Papirus Editora, 2000.

QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L.V. **Manual de Investigação em Ciências Sociais.** Lisboa: Gradiva, 1998.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação.** São Paulo: Loyola, 2002.

RICHARDS, J. C. & NUNAN, D. **Second language teacher education.** Cambridge, Cambridge University Press, 2000.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3ª Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** 36 Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SELIGER, H. W ; SHOHAMY, E. **Second Language Research Methods.** Oxford: Oxford University Press, 2001.

VILAÇA, M. L. C. **Estratégias na aprendizagem de língua estrangeira: um estudo de caso autobiográfico.** 2003b. 158f Dissertação( Mestrado em Interdisciplinar de Linguística Aplicada. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Linguística.** São Paulo: Editora Contexto, 2004.

TACHIZAWA, T. e MENDES, G. **Como fazer monografia na prática**. 12 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

TEIXEIRA DA SILVA, V. L. A competência para a avaliação na formação do professor de línguas. In: CONSOLO, D. A ; TEIXEIRA DA SILVA, V. L.(ORG) **Olhares sobre competências do professor de língua estrangeira: da formação ao desempenho profissional**. São José do Rio Preto: Editora HN, 2007.